



Construindo caminhos para as práticas extensionistas na contexta das metadalogias participativas: relato de uma experiência

Juçara Gonçalves Lima Bedim*

1 Introdução

Na conjuntura atual, diante das novas relações humanas nesta sociedade multifacetada, diante do avanço da tecnologia e da comunicação, uma condição se põe à educação como prioridade: integrar o saber e o fazer, visando o ensino voltado à satisfação das necessidades prementes do processo do indivíduo como sujeito de seu próprio destino histórico. Inserida neste contexto, “a universidade confronta-se com uma situação complexa: são-lhe feitas exigências cada vez maiores por parte da sociedade.” (Santos, 2003, p. 187).

De fato, no clima de crise e expectativa em que vivem as universidades, multiplicam-se os rumos das atividades de ensino, pesquisa e extensão. No que se refere à extensão, torna-se oportuno averiguar a configuração e a relevância das atividades extensionistas como parte integrante de um projeto de universidade que vá muito além da mera prestação de serviços, para tornar-se ferramenta instituinte de transformação da prática social, propiciando a pesquisa que busque soluções para os problemas e as necessidades da nossa população que pouco, ou quase nada, é favorecida pelos saberes produzidos na universidade; que transcenda a simples noção de “mão estendida” e que, portanto, se constitua como, na concepção de Paulo Freire (2001), um extensionismo mais autêntico, mais intenso e que, verdadeiramente, funcione como um processo dialógico de troca de saberes.

No bojo dessas reflexões, este artigo pretende relatar uma experiência no cotidiano da extensão universitária, tendo por objetivo analisar um projeto de implantação de práticas extensionistas numa Instituição de Ensino Superior, em

Resumo

O presente artigo relata uma experiência no cotidiano da extensão universitária, tendo por objetivo analisar um projeto de implantação de práticas extensionistas numa Instituição de Ensino Superior, no noroeste fluminense, com o uso de metodologias participativas (pesquisa-ação), na perspectiva de encaminhar uma “extensão” bem sucedida, em função das exigências da realidade, não apenas como atividade acadêmica, mas na concepção de universidade aberta, fundamentada nas necessidades cotidianas dos cidadãos. A meta é estabelecer um processo de articulação do conhecimento que atenda às necessidades sociais em relação ao que a instituição produz. Elegeu-se a proposta de Boaventura de Sousa Santos (2003, 2004) como marco referencial teórico pela possibilidade da análise crítica e segura que esse autor faz sobre a posição da universidade nas atuais sociedades. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, tendo como eixo básico a pesquisa-ação de Thiollent (2000). A pesquisa-ação – um método que consiste em pesquisar, refletir e ao mesmo tempo atuar para encontrar soluções – pode ser um excelente instrumento quando temos em vista a transformação social.

Palavras-chave: extensão universitária; pesquisa-ação; transformação social.

* Mestre em Educação – Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Doutoranda em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária das Faculdades Integradas Padre Humberto (FIPH) Itaperuna – RJ.

Itaperuna, no noroeste fluminense (Faculdades Integradas Padre Humberto – FIPH), com o uso de metodologias participativas (pesquisa-ação), na perspectiva de encaminhar uma “extensão” bem sucedida, em função das exigências da realidade, não apenas como uma atividade acadêmica, mas na concepção de universidade aberta. Projeto este que fundamenta uma tese de doutorado em Educação/UFRJ (em andamento, já tendo passado pelo exame de qualificação) – sob o título **Uma proposta de metodologias participativas na Extensão Universitária: o ensino de idiomas como uma vertente instrumental**.

A extensão universitária é uma temática – que acreditamos – de fundamental importância não apenas para as universidades públicas, mas também para as demais Instituições de Educação Superior (IES). Nossa hipótese é a de que, nesse contexto, o uso de metodologias participativas possibilita à extensão universitária caminhar na direção de um novo desenho, capaz de atender às necessidades demandadas pela maioria da população e pela sociedade, de um modo geral. Formulação essa que suscita a ansiedade de encontrar respostas para as práticas extensionistas através das metodologias participativas, pois, apesar dos avanços conceituais e operacionais, ainda se constata que geralmente essas metodologias são praticadas de modo espontâneo, sendo pouco estudadas, sistematizadas e difundidas (Thiollent, 2003). Essas respostas, com certeza, não estarão prontas e acabadas, mas, ao contrário, constituem-se numa busca em contínua construção.

2 Fundamentação

Para êxito do estudo, foi inicialmente realizado um levantamento bibliográfico através da seleção e da análise de autores que asseguraram uma fundamentação teórica ao problema investigado. Dessa forma, a seleção de um marco referencial teórico que possibilitasse uma análise segura da problemática pertinente ao relacionamento universidade/sociedade fez com que procurássemos conhecer objetivamente a proposta do sociólogo e pensador contemporâneo Boaventura de Sousa Santos (2003, 2004), que faz uma análise crítica sobre a posição da universidade nas atuais sociedades. Em face da rigidez da função e da organização que caracteriza a institui-

ção universitária, esse teórico tece reflexões sobre como tal entidade irá se adaptar às novas condições e buscar respostas possíveis e viáveis para os problemas que enfrenta em nossos dias. Ademais, em sua abordagem crítica, Santos contextualiza e analisa a questão da extensão universitária, inclusive comentando especificamente sobre a prática extensionista no contexto educacional brasileiro (Santos, 2003, p. 187-233).

E, ainda, para melhor compreender e desvelar a complexa trama que enreda a história do extensionismo brasileiro, elencamos outros autores – estudiosos que vêm atuando mais ativamente para escrever essa história, dentre eles: Boto-mé (1996), Freire (2001), Gurgel (1986, 2003), Nogueira (2000, 2003), Sousa (2000), Tavares (1997) e Thiollent (2000a, 2000b, 2003).

3 Sobre a implantação da Extensão Universitária nas Faculdades Integradas Padre Humberto (FIPH)

3.1 Desvelando o cenário

As FIPH, mantidas pela Fundação Educacional e Cultural São José (FSJ), representam, hoje, uma evolução da antiga Faculdade de Filosofia de Itaperuna – FAFITA –, criada em 1968. A instituição que, até 2002, vinha oferecendo à comunidade acadêmica apenas o ensino, instigada pela necessidade e pela importância de oferecer uma escolarização ampla e de excelência, considerou a urgência de dar conta de suas outras funções: pesquisa e extensão – atendendo, assim, às demandas do momento epistemológico que adentramos.

Nesse contexto, portanto, impunha-se a necessidade não apenas de implantar um programa de desenvolvimento da pesquisa e iniciação à investigação científica, como também de institucionalizar a extensão universitária. Ademais, a FSJ nutre a perspectiva de tornar-se Centro Universitário, o que demanda a função triádica – ensino/pesquisa/extensão.

Dessa forma, foi criado, nesse mesmo ano (ou seja, 2002), o Centro de Pesquisa e Extensão (CenPE), cuja implantação tem propiciado, através da pesquisa, avanços significativos no processo de renovação e atualização nas atividades

dos docentes e dos discentes e, através da extensão, a possibilidade de ampliar a participação e a inserção na comunidade local.

No que se refere ao programa de extensão, este tem como objetivo implantar um processo de produção acadêmica intimamente ligado às circunstâncias da pesquisa e do ensino desenvolvidas na Instituição, procurando vincular suas atividades aos interesses da sociedade na qual está inserida, visando estabelecer um processo de articulação do conhecimento que atenda às necessidades sociais em relação ao que é produzido nas faculdades da FSJ.

O compromisso é, seguindo a trilha de Santos (2003, p. 228-9), por um lado, formular uma política que combine o máximo de qualidade acadêmica com o máximo de compromisso social, rumo a uma proposta na qual o conteúdo das atividades extensionistas seja edificante e que haja a abertura preferencial das salas de aulas, laboratórios (de línguas e informática – como os que possuímos, por exemplo), da biblioteca e, inclusive, das instalações de lazer aos membros participantes do processo; caminhando na busca de uma prática na qual a troca de saberes não científicos e científicos possa enriquecer o contato comunicativo e argumentativo (Santos, 2003, p. 229). Por outro lado – no intuito de instituir uma política de extensão que, além de prestadora de serviços, esteja aberta à criação de novos contextos de cooperação entre universidade/sociedade –, segue uma orientação de atividades não-rentáveis. De fato, “para que a extensão cumpra este papel é preciso evitar que ela seja orientada para atividades rentáveis com o intuito de arrecadar recursos extra-orçamentários.” (Santos, 2004, p. 54)

Nossa participação no CenPE como professora-pesquisadora e, também, na função de coordenadora do Curso de Letras, encaminharam a possibilidade de se institucionalizarem práticas extensionistas nas FIPH, iniciando-se com cursos de idiomas, vislumbrando-se a criação de um Centro de Idiomas. Além disso, cabe ressaltar que cursos de línguas vão ao encontro das demandas da comunidade itaperunense e região fronteiriça, que, nos últimos dez anos, vem se tornando cada vez mais atuante acadêmica e culturalmente, em cujo contexto a leitura em outros idiomas tem emergido com uma certa urgência, sobretudo

diante das dificuldades para se obter traduções de artigos, livros e outras publicações em tempo hábil.

Dessa forma, o projeto teve início em abril de 2004, com o curso de Inglês Instrumental ou Inglês Técnico, através da abordagem de ESP – English for Specific Purposes (Richards, 2001) –, visando atender indivíduos de diferentes cursos, áreas, idades; enfim, toda comunidade. Apesar de haver um número significativo de cursos de Inglês em Itaperuna, nenhum deles oferece esta modalidade.

3.2 Metodologia

Tomando como rumo o objetivo desta proposta, elegemos como eixo básico da investigação a metodologia da pesquisa-ação de Thiollent (2000a, 2000b, 2003). Na concepção de Thiollent, a metodologia participativa e a pesquisa-ação conquistam um lugar importante em projetos de extensão compromissada e mobilizadora, sobretudo quando se destina às comunidades externas. Na verdade, metodologias convencionais, baseadas no positivismo, resultam em práticas educacionais diretivas, impositivas.

É possível opor à visão comum, acríica, utilitária, difusionista, geralmente herdeira do positivismo vulgarizado, opções metodológicas diferentes, associadas a posturas filosóficas críticas. (THIOLLENT, 2000a, p. 21)

O caminho seguido é de natureza qualitativa (Trivinos, 1987). De fato, os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, que surge com diferentes enfoques, emergem como alternativas para a investigação em educação na extensão universitária, revelando-se como uma preocupação pela busca de caminhos certos para a pesquisa. A principal característica da pesquisa-ação é evitar uma postura que leve a ações impositivas, que desconsidere o falar da sociedade. Aliás, a pesquisa-ação, na nossa inferência, vai ao encontro da “ecologia de saberes” proposta por Santos (2004), que implica uma revolução epistemológica da universidade; revolução esta que – depreendemos – ocorrerá justamente pelo fato de que a extensão universitária, ao permitir uma abertura de “fora para dentro”, favorecerá um diálogo com a multiplicidade de saberes produzidos na sociedade.

Nesse sentido, o Programa de Extensão das FIPH procura vincular suas atividades aos interesses da sociedade na qual está inserida, visando estabelecer um processo de articulação do conhecimento que atenda às necessidades sociais em relação ao que é produzido na Instituição.

A escolha pela pesquisa-ação se justifica por ser uma metodologia que possibilita ao pesquisador não somente adentrar na práxis da pesquisa e transitar com maior liberdade pela realidade-problema, mas também a intervenção propriamente dita com os protagonistas para que se possa, a partir de uma ação conjunta, buscar soluções possíveis e viáveis para o objeto de estudo. Ademais, o respaldo de metodólogos como Thiollent (2000a, 2000b, 2003) e André Morin (2004), que têm se dedicado à experiência de formação em pesquisa-ação, inclusive aplicadas à extensão universitária, corroborou a escolha e suscitou o empenho em trabalhar com essa metodologia.

Nesse tipo de pesquisa, o planejamento é muito flexível. Como propõe Thiollent, ao contrário de outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas, havendo a possibilidade de um vaivém entre as diversas preocupações que permeiam as circunstâncias e a dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com o fenômeno investigado.

Referindo-se aos instrumentos de coleta de dados, utilizamos desde o início a técnica de observação participante, que nos possibilitou acompanhar e analisar os dados coletados cotidianamente, bem como ficarmos atentos a outros dados relevantes que pudessem emergir no curso de extensão. O instrumento utilizado para as anotações é o diário de campo, que nos permite ficar atentos ao processo de descrever certos fenômenos da forma mais verdadeira possível, envolvidos no processo inteiro da pesquisa, uma vez que cada fala, cada diálogo que se observa pode sugerir uma idéia, a possibilidade de novas buscas, a necessidade de formular novas indagações. Ao mesmo tempo, possibilita a oportunidade de fazer observações sobre o referencial teórico, por exemplo, se determinados fenômenos confirmam parcial ou totalmente o embasamento teórico, se é preciso aprofundar alguns aspectos da teoria, até que ponto a teoria viabiliza a prática.

Foi aplicado, também, um questionário com perguntas abertas e fechadas, bem como escolhas múltiplas (no início de agosto de 2004), que permitiu o desvelamento da realidade do universo pesquisado, saber o porquê da procura pelo curso de extensão, as expectativas e perspectivas dos atores em relação ao curso, entre outras possibilidades. Seguindo advertências de Thiollent (2000a), esse instrumento foi reestruturado de acordo com o ajuizamento de três avaliadores experientes.

Aproximando-se o final do curso (no início de novembro), foi pedido aos sujeitos-atores que escrevessem um depoimento através de *self-report* (Bachelor, 1986). Neste tipo de procedimento, o pesquisador encaminha questões aos protagonistas de modo a pedir-lhes que descrevam em detalhe – isto é, que expressem sentimentos, atitudes – uma situação que vivenciaram. A pretensão, através do *self-report*, foi investigar se o curso atendeu às expectativas dos alunos, saber como se sentiram ao participar das atividades nas aulas, colher sugestões para sua melhoria e continuidade, uma vez que a própria procura no ano seguinte dependeria do nível e da qualidade do curso.

Assim, seguindo as pegadas de Bardin (1977) – de seu Método de Análise de conteúdo –, após a coleta de dados, trabalhamos inicialmente com recortes de enunciados, coletados por meio das técnicas e/ou instrumentos elencados, para chegarmos à categorização dos dados que foram dimensionados a partir de aspectos “cognitivos”, “práticos”, “críticos” e “afetivos” e dos quais emergiram subcategorias. Estes dados encontram-se na fase interpretativa e serão, ainda, apresentados por meio de quadros e tabelas e quantificados, para assegurar à investigação maior segurança e confiabilidade na classificação do material coletado.

3.3 Contextualizando resultados

O curso de Inglês Instrumental vem tendo uma procura significativa, provavelmente diante do prestígio que a Língua Inglesa desfruta no momento, tanto nos negócios, como na ciência e na tecnologia. Iniciou com três turmas (de alunos não apenas das FIPH, mas também das demais instituições de Ensino Superior de Itaperuna), cujos alunos apresentam objetivos diversos,

desde professores universitários visando objetivos científicos e acadêmicos, buscando subsídios para enfrentar as provas de proficiência em Língua Estrangeira nas seleções de Mestrado e Doutorado, bem como profissionais de diversas áreas (sobretudo Informática, Jornalismo, Administração de Empresas e/ou Economia); sobressaindo-se profissionais da área biomédica, o que estimulou a abertura de uma turma específica de Inglês Técnico nesta área.

Houve, também, alunos interessados em aprender o idioma para enfrentar concursos públicos, textos de vestibular ou, até mesmo, cidadãos comuns, desejando aprender uma segunda língua para satisfação pessoal ou por motivos de viagem. Essas turmas, de fato, ao término do curso (120 horas/aula) no final do ano (2004), conseguiram ler, com proficiência, textos de suas áreas específicas, apontando para um caminho possibilitador da produção do conhecimento na interface universidade/comunidade, vislumbrando-se como proposta viável para (re)significar o contexto de democratização do conhecimento, inclusive abrindo caminhos para aprendizagem de saberes àqueles que necessariamente não frequentaram ou não frequentam os cursos regulares na educação superior.

É pertinente ressaltar que este projeto é uma proposta transversal com o curso de Letras, conectada ao Estágio Supervisionado, através da qual professores em formação participam como aprendizes e pesquisadores do processo. A perspectiva neste viés de nossa prática extensionista é tornar viável a articulação entre pesquisa e formação, pois, de fato, como afirma André Morin (2004, p. 22),

Nota-se que, para o docente que participa em pesquisas, há uma melhoria do ensino graças à tomada de consciência de uma prática eficaz, com sede de conhecimento sobre os métodos e abertura a uma mais vasta cultura geral, além da atualização das informações. [...] O docente como ator participante se faz guia e observador; mostra sabedoria e liderança; anima, utiliza uma abordagem socrática ou interativa e torna-se sensível às necessidades dos alunos, colaborando com eles.

A participação desses professores-alunos é fundamental no processo das atividades extensionistas que, na prática, pressupõem o envolvimento do corpo discente. Na verdade, seu cará-

ter é marcado por uma concepção que articula teoria e prática, o que exige – dos docentes e discentes envolvidos – atitudes embasadas no princípio de que quem ensina aprende e quem aprende ensina. À medida que o aluno recebe os benefícios através das atividades extensionistas, torna-se um profissional melhor.

Referindo-se aos alunos multiplicadores participando no projeto, estes são bolsistas selecionados por edital. Ainda, visando maior número de alunos (para além do número de bolsas aprovadas), há aqueles na condição de voluntários, sendo-lhes assegurado o cômputo da carga horária para fins de atividades complementares de Estágio. Estes alunos – de acordo com os pressupostos teóricos da pesquisa-ação, orientada por Thiollent – reúnem-se quinzenalmente com a professora pesquisadora (deste projeto), constituindo um grupo de estudo e equipe de pesquisa, refletindo sobre o desenvolvimento não apenas do processo ensino-aprendizagem, mas também sobre os pressupostos teóricos da extensão universitária, buscando soluções e definindo diretrizes de ações, bem como acompanhando e avaliando essas ações.

Em 2005, ampliaram-se as perspectivas, reafirmando-se o reconhecimento de que a extensão universitária não se coloca apenas como atividade acadêmica, mas como uma concepção de universidade cidadã. Portanto, iniciamos em março com quatro turmas de Inglês Instrumental, sendo uma delas de Inglês biomédico, duas de Português Instrumental, duas de Francês (conversação) e uma de Espanhol (também conversação) que visa, sobremaneira, atender à terceira idade, cuja atração do método é ensinar através de música. Ampliando-se o âmbito de nossas atividades extensionistas, para início do próximo ano, já está sendo embrionado um projeto de Informática Inclusiva.

Em maio de 2005, diante do apoio da comunidade acadêmica e do compromisso oficial da Instituição com a implantação da extensão universitária, a FSJ filiou-se ao Fórum de Extensão das IES brasileiras. Nessa perspectiva, nossas atividades extensionistas caminharão de acordo com princípios e orientações providas da política do Fórum; algumas, inclusive, já estão sendo implementadas. Assim sendo, no que se refere aos procedimentos de ordem metodológica, o Fórum em

discussão elenca características da metodologia participativa – pesquisa-ação – como enunciada por Thiollent (2000a, 2003), corroborando, assim, nossa escolha. Cabe ressaltar, ainda, que várias dentre as orientações e referenciais teóricos adotados pelo referido Fórum convergem também com Santos (nosso marco-referencial teórico), como, por exemplo, quando esse estudioso elucida a importância de a universidade criar espaços de interação com a comunidade circundante, abrindo suas portas aos membros participantes das associações e ações sociais com as quais esteja envolvida, mobilizando não apenas seus professores e estudantes, mas também funcionários; e, ainda, quando Santos (2003) afirma que se deve priorizar o desempenho do *know-how* ético, privilegiando a aprendizagem de outros saberes no processo de extensão.

Considerações Finais

O papel da universidade na construção de uma nova sociedade é o de tornar-se coadjuvante na busca da solução dos problemas mais imediatos da população. Assumir verdadeiramente essa parceria significa ficar atenta à realidade que a rodeia; significa entender de que maneira pode “se estender”, não num papel domesticador, mas comunicando-se com o saber popular. De acordo com as transformações que vêm ocorrendo no esboço dos últimos anos, tem sido possível verificar uma mudança no discurso da extensão, no qual se reúnem esforços de criação, incentivados por valores, tais como: responsabilidade social, solidariedade, cidadania, cooperativismo, autogestão, ação voluntária de matizes diversos.

Fundamentando-nos nesse pressuposto, defendemos a necessidade e o empenho de dar ênfase ao desenvolvimento de projetos de extensão universitária através das metodologias participativas (em suas várias formas e vertentes, isto é: pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa cooperativa etc.) como possibilidade de preencher lacunas, de renovar e (re)desenhar os modelos de extensão e seus referenciais teóricos, uma vez que sua principal característica é evitar uma postura impositiva, que desconsidere o falar da sociedade, possibilitando ao pesquisador responder criticamente às exigências históricas, sem perda do rigor da ciência, colocando as atividades de extensão a serviço das camadas populares.

Outrossim, vemos ainda, nestes tipos de metodologia, a esperança de uma prática extensionista realmente como veículo de ação transformadora, não se esgotando apenas num produto acadêmico, mas representando benefícios diretos e imediatos à comunidade, tendo utilidade prática social; sobremaneira, contrária àquela prática meramente assistencialista, atrelada a instituições governamentais, sempre muito comprometidas com a ordem vigente. Daí, na trilha da pesquisa-ação – pesquisando, refletindo, atuando para encontrar soluções, tendo em vista a transformação social – a visão prospectiva de que a implantação de práticas extensionistas nas FIPH possa se tornar motor de oxigenação, transformação e desalienação.

Referências Bibliográficas

- BACHELOR, A.; JOSHI, P. *La méthode phénoménologique de recherche em Psychologic: guide pratique*. Quebec: les presses de l'université, 1986.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOTOMÉ, Sílvio Paulo. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equivoco da extensão universitária*. Petrópolis/São Carlos/Caxias do Sul: Vozes/EDUFSCar/EDUCS, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GURGEL, Roberto Mauro. *Extensão universitária: comunicação ou domesticação?* São Paulo: Cortez, 1986.
- _____. Extensão universitária: momento de aplicação do conhecimento e de intercâmbio de saberes na relação universidade sociedade? In: THIOLLENT, M. et al. (Orgs.). *Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 17-27.
- MORIN, André. *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Trad. Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. (Org.). *Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.
- _____. Onde falha o Plano Nacional de Extensão? *Interagir: pensando a extensão*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 9-13, ago./dez. 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUSA, Maria Luiza L. *A história da extensão universitária*. Campinas: Alinea, 2000.
- RICHARDS, Jack C. Needs analysis in ESP. In: _____. *Curriculum development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TAVARES, Maria das Graças M. *Extensão universitária: novo paradigma de universidade*. Maceió: EDUFAL, 1997.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000a.

_____. A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In: _____; ARAÚJO FILHO, Targino de; SOARES, Rosa L. S. (Orgs.).

Metodologias e experiências em projetos de extensão. Niterói: EDUFF, 2000b. p. 19-28.

_____. Metodologia participativa e extensão universitária. In: _____ et al. (Orgs.). *Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. P. 57-67.

TRIVINÓS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987 (12. tiragem).

Abstract

The present paper aims at relating an experience in the quotidian of the university extension having the objective to analyze the implantation of extension practices in the context of an Institution of Superior Education, located in the northwest region of Rio de Janeiro State, by means of using participatory methodologies (action research) in the perspective of conducting a well-succeeded practice, viewing the demands of society not only as an academic activity but also in the conception that the university should be concerned with the citizens' quotidian needs. The goal is to institute an articulated process of knowledge which considers the social needs. We have elected Boaventura de Sousa Santos (2003, 2004) as our theoretical presupposition on account of the secure critical analysis that this author makes about the position of the university in the current societies. The methodology adopted is the action research based on Thiollent (2000a, 2000b, 2003) – a qualitative participatory method which consists in researching, reflecting in order to find solutions towards promoting social transformation.

Key-words: university extension; action research; social transformation.

